

## CHOQUE ENTRE FICÇÃO E REAL: RELEITURAS HISTÓRICAS NOS CONTOS DE FERNANDO BONASSI

Raquel Medina Dias (PG-UFMS)

### RESUMO

Estudar a ficção brasileira contemporânea, numa perspectiva histórica e social, a partir da análise dos contos de *Violência e paixão* (2007), de Fernando Bonassi, é o objetivo desse trabalho. Lançada ao desafio, ao propor estudos sobre a arte hodierna, a crítica à literatura produzida no final do século XX e início do XXI, vale-se, muitas vezes, da repercussão imediata de cada autor, por não haver distanciamento que o passar do tempo proporciona (COSTA PINTO, 2004). Nesse contexto, convém mencionar que o objeto de estudo em questão foi publicado pela primeira vez na antologia *Geração 90: manuscritos de computador*, organizada pelo contista Nelson de Oliveira, em 2003 e, posteriormente, publicado na obra *Violência e paixão*, em 2006. Nessa configuração de tempo, o presente trabalho aponta algumas possibilidades de releituras históricas, numa perspectiva social, como sendo matéria da narrativa dos contos da obra em estudo, e indicá-las como possíveis tendências da ficção brasileira. Dessa forma, situar referida obra no contexto da literatura brasileira contemporânea.

**Palavras-chave:** *Literatura Contemporânea; Sociedade; Ficção; História.*

### ABSTRACT

Studying the Brazilian contemporary fiction, in an historical and social perspective, starting from analysis of tales of *Violência e Paixão*, (2006), by Fernando Bonassi, is the goal of this work. Accepted the challenge by proposing studies on art today, the literature criticism produced in the late twentieth century and the beginning of XXI, it is often the immediate response of every author, no distance that over time provides (COSTA PINTO, 2004). In this context, it is worth mentioning that the object of study in question was first published in the anthology *Geração 90: manuscritos de computador*, that was organized by Nelson de Oliveira, in 2003 and subsequently published work on *Violência e Paixão*, in 2007. In this time configuration, this work shows some possibilities of historical rereadings, in a social perspective, as matter of tales narrative of the work concerned, and display them as a potential trends in Brazilian fiction. In this way, situate such work in the contemporary Brazilian literature.

**Keywords:** *Contemporary Literature; Society; Fiction; History.*

### 1. INTRODUÇÃO

Bem alertou Manuel da Costa Pinto, na introdução de sua obra *Literatura Brasileira Hoje* (2004): “Escrever a história do presente é sempre arriscado – e isso também vale para a literatura”. Torna-se instigante, assim, a investigação de tendências que levem a compreender as razões que tornam notáveis ou valorativas algumas produções literárias do nosso tempo. A técnica do impacto, a violência, o cenário urbano, a miséria são algumas das matérias que revestem a narrativa contemporânea.

Ainda, de acordo com Costa Pinto (2004), Bonassi nunca esconde sua intervenção autoral, suas mediações literárias e sua empatia moral, isso feito através da captação das imagens suburbanas que apresentam as deformações impostas pela miséria. Tudo isso impregnado pela “náusea de quem testemunha uma situação revoltante e por uma tentativa de resgatar vestígios de lirismo nessas vivências massacradas” (*idem*, p. 140).

Nesse raciocínio, então, os narradores de Bonassi observam o mundo do ponto de vista do desempregado, da prostituta, do mendigo, do carcerário e também de outras elites: juiz, políticos. Dessa forma, portanto, denunciando os estados de miséria, desigualdade, de corrupção, discriminação, etc, ratificando o compromisso social da sua arte.

## 2. FICÇÃO: RELEITURAS EM *MADALENA*

Catártica, não menos impactante na sua estrutura, que tematiza essa literatura, apresenta dessa forma, a relação da arte com a realidade. Rinaldo de Fernandes (sd), em seu ensaio sobre o conto brasileiro do século XXI, menciona o trabalho da professora Beatriz Jaguaribe da UFRJ, destacando a retomada do “realismo estético” ou “choque com o real” feita pela literatura e outras artes contemporâneas. Essa modalidade é definida pela professora como “a utilização de estéticas realistas que visam suscitar um espanto de efeito catártico no espectador ou leitor” (JAGUARIBE *apud* FERNANDES, sd). O corpo das palavras encenando a realidade, chocando-se com o real nas páginas que se desdobram um cenário de violência e impetuosidade.

Nessa situação o conto a seguir, *Madalena*, reproduz ou recria a personagem bíblica Maria Madalena, sob uma ótica hiper-realista e numa perspectiva contemporânea. Salientamos que o termo *Contemporâneo* segue a abordagem apresentada pelo Professor Dr. Antonio Rodrigues Belon, a “contemporaneidade, na sua concepção de tempo que acompanha o homem” (BELON, 2009, p.142), tingida por experiências violentas das injustiças sociais.

Madalena

Bati perna. Arrastei asa. Arranquei roupa. Bebi, fumei, pequei de arregarhar. Me perdi de não me achar mais. Desci direto. Sem-vergonha não era pouca. Motivo passou longe. Se queriam tinham, mas dinheiro antes. Fui até com gosto, que no meu gosto mando eu. Fingi também. Nunca me agrado. Quando convinha. E só assim. Fiz foi de tudo, que tudo é o cada um de nós faz... antes do resto... do fim... hoje. Nem me arrependo! Se é o que vocês querem saber... para mim o inferno é aqui. Delícia. Então? Não vão atirar essas pedras? Vou ter de ficar aqui o dia inteiro? (BONASSI, 2007, p. 18)

De acordo com texto bíblico, a personagem Madalena é levada ao templo pelos doutores da lei da época, para ser apedrejada, por ter cometido adultério e a única fala da personagem no episódio é: “Ninguém, Senhor.”, (Lc 8: 11), após ser indagada se alguém havia a condenado. Ao contrário da personagem bíblica, a personagem Madalena, no conto, apresentada numa perspectiva contemporânea, é ré-confessa, não demonstra arrependimento, nem humildade ao se apresentar aos seus narratários.

Nota-se que há uma recontextualização de fatos históricos. A personagem Madalena é recriada no plano ficcional num outro tempo e espaço. A personalidade, nos dois contextos reflete o momento histórico. A ficção bonassiana nasce das experiências humanas, ou seja, como uma

“narrativa histórica comporta elementos e procedimentos da elaboração ficcional, assim como a ficção reelabora componentes derivados de fontes históricas.” (BARBIERI, 2003, p. 99).

### 3. FICÇÃO E REALIDADE: 111

No mesmo plano, representando tempos de terror, um marco histórico que simboliza a tragédia brasileira de fim de século.

111

Haja o que houver a que tempo for será a noite mais preta de todas as noites negras em que os deuses das chances dormem pesadamente e sobrevoam corvos insanos dos piores Demônios do Brasil terra de contrastes e chacinas convocando a face carcomida da morte violenta dentes à mostra quando homens da lei entram para o que der e vier deixando cem gramas de alma no esgoto da covardia contra homens desprezíveis cujas nuca explodem feito ovos e braços inúteis pedem clemência sob camas já tampas de sarcófago. Só mesmo cães assustados salvam-se, mascando genitálias. (BONASSI, 2007, p. 22)

O título do conto “111” faz alusão ao número de detentos mortos na chacina do Carandiru, em 1992. Ressalta-se que Fernando Bonassi foi roteirista do filme *Estação Carandiru*, de Hector Babenco. Ainda na entrevista concedida ao IHU ON-Line<sup>26</sup>, Fernando Bonassi revela:

Durante a realização do roteiro do filme Carandiru, realizei algumas oficinas literárias na cadeia. O que mais me surpreendeu foi o abandono intelectual em que se encontram aqueles homens. Raras cadeias têm programas de educação e quando têm, na maioria das vezes, são reacionários. Nunca sofri ameaças. As visitas no Carandiru eram extremamente protegidas pelas lideranças da cadeia quando lá se encontravam, pois eram a única conexão com o mundo real, fora das muralhas. (IHU ON- LINE, sd)

No plano formal do texto, observa-se a ausência de pontuação, o que revela o grau de intensidade da representação da violência contra os presos, bem como a preocupação do autor com a situação social do carcerário. Ainda na mesma entrevista, ao ser indagado sobre a banalização da criminalidade e da influência do PCC nas cadeias, destaca que, para a mudança desse quadro, é preciso humanizar as cadeias “separando-se quem comete delitos graves dos leves, adotando a remissão de pena para quem estuda e a devida preparação do preso para a volta a vida social<sup>27</sup>.”

Ainda sobre a tragédia de 1992, mencionamos a peça teatral *Apocalipse 1,11*, de Fernando Bonassi, baseada também na chacina do Carandiru. É interessante destacar dois pontos nesse contexto. O primeiro é o fato, óbvio e relevante, *1,11*, como fragmentação de *111*. Outro detalhe é o nome *Apocalipse*, que, segundo a acepção fornecida pelo dicionário Aurélio (2006) e pela própria bíblia, além de ser o último livro do Novo Testamento, contém revelações sobre os destinos da humanidade.

---

<sup>26</sup> *ibidem*

<sup>27</sup> *Bis is idem*

Pois bem, diante disso, vale destacar o versículo 11 do capítulo 1, do referido livro que integra a bíblia: “**Escreva num livro tudo o que você está vendo.** Depois mande para as sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia.” (Ap. 1, 11 – grifo nosso).

De acordo com a tradução da bíblia, editora *Paulus*, (BALANCIN; STORNILOLO, 2005, p. 1517), as sete igrejas mencionadas se referem às sete comunidades da Ásia. Metaforicamente, representa os povos do mundo inteiro, já que, “sete é o número simbólico e indica totalidade (...)”(*idem*).

O autor do livro *Apocalipse* (bíblia) usa linguagem metafórica: imagens, figuras, números, regiões específicas para se referir ao mundo, tendo em vista o momento de tensão em que foi escrito (perseguições, mortes, injustiças sociais). O autor do livro (São João) pretendeu mostrar o real e criar estratégias de ação para mudar a situação. Era um alerta aos povos. (*ibidem*, p. 1516). Esses objetivos se familiarizam com as pretensões do autor de 111.

Nesse último conto também são utilizadas imagens metafóricas: imagens sombrias do início do século (noite preta, noites negras); animais que remetem ao terror (corvo); figuras das injustiças (Demônios do Brasil); contraste entre as diferentes classes (homens da lei e homens desprezíveis); cenas do horror e desespero (nucas que explodem feito ovos, cães mascando genitálias); desumanização e covardia (cem gramas de alma no esgoto da covardia contra homens); vozes e súplicas (braços inúteis pedem clemência).

De acordo com Manuel da Costa Pinto, a ficção de Fernando Bonassi apresenta fortes traços do realismo dos autores dos anos 70. Desses últimos herda tal tendência, porém, com uma “representação mais intensa da violência (policial ou criminosa, mas também psicológica, simbólica” (COSTA PINTO, 2004, p. 140).

Servindo-nos como uma continuidade das revelações dos destinos da humanidade, o *São João* do século XXI escreve num livro tudo o que está vendo, num espaço determinado, mas que metaforiza qualquer lugar do Brasil e lança aos olhos da sociedade. É uma arte de denúncia do horror social, das desigualdades, das perseguições. Dessa forma, segue à risca a proposta no livro bíblico *Apocalipse 1,11*.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra em estudo trata-se de uma arte mediadora da experiência humana, feita através de uma linguagem de molde hiper-realista. Distante daquele realismo do final do século XIX, marcado pela filosofia positivista e determinista, o realismo aqui, inspirado no realismo dos anos 70, surge com mais intensidade na representação da realidade no plano estético. É a história na ficção. E quando falamos em história, referimo-nos à história Contemporânea, marcada pelas experiências humanas (violência, injustiças sociais).

Na narrativa percebe-se um percurso nos trânsitos da história, sendo recriada a partir de experiências humanas, na ficção. Ocorre uma convivência entre história e ficção, pois de acordo com Barbieri (2003), “a história não começa nos fatos, mas na palavra escrita”. Ficção e realidade se tornam coniventes nesse cenário. Os acontecimentos se alinhavam nas palavras e formam o corpo e alma do texto, para a compreensão e denúncia dos fatos da história hodierna.

## REFERÊNCIAS

- BALANCIN, Euclides Martins; STORNILO, Ivo. (tradução). *Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. 57. ed. São Paulo: Paulus, 1991.
- BARBIERI, Therezinha. *Ficção Impura: prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90*. Rio de Janeiro: Edurj, 2003.
- BELON, Antonio Rodrigues. (Algumas) Narrativas brasileiras contemporâneas. In: GRÁCIA – RODRIGUES, K.; BELON, A. R.; RAUER. (Orgs.). *O universal e o regional: literatura em perspectiva*. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2009, p 141-162.
- BONASSI, Fernando. *Violência e Paixão*. São Paulo: Scipione, 2007.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.
- COSTA PINTO, Manuel. *Literatura Brasileira Hoje*. São Paulo: Publifolha, 2004.
- FERNANDES, Rinaldo de Fernandes. *Conto brasileiro do século XXI: As narrativas curtas da nova literatura nacional divididas em cinco grandes vertentes*. João Pessoa – PB [Se], [Sd].
- IHU ON-LINE. *Fernando Bonassi: “O PCC surgiu da violência carcerária”*. (entrevista). [http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod\\_noticia=10147&cod\\_canal=41](http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=10147&cod_canal=41). Acessado em: 25 jul 2010.
- LUKÁCS, George. *Realismo crítico hoje*. 2. ed. Brasília – DF: Thesaurus, 1991.
- OLIVEIRA, Nelson de. Contistas do fim do mundo. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Geração 90: manuscritos de computador*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001, p. 07-13.
- RUFFATO, Luiz. *Bonassi e a dimensão política da escrita*. <http://www.revista.agulha.nom.br/lrufatto6.html>. Acesso em: 04 maio 2010
- ZENI, Bruno. Liberdade e Risco. In: BONASSI, Fernando. *Violência e Paixão*. São Paulo: Scipione, 2007.